

Cântico gradual de Nossa Senhora

O *Códice Alcobacense* 85 da Biblioteca Nacional de Lisboa é um *Devocionário* em latim, copiado no ano de 1558 no Mosteiro de Santa Maria de Bouro.¹ Mas outra mão, aproximadamente da mesma época, acrescentou no fim, em fólhos deixados em branco, um exercício devoto, com orações em português, que nos parece digno da melhor atenção, a vários níveis e títulos.

Antes de salientarmos o interesse histórico, linguístico, eucológico e teológico da composição, debrucemo-nos sobre o problema do título. O códice escreve: *Cantico grao de Nossa Senhora*. Como interpretar a palavra *grao*? Há duas hipóteses possíveis. A primeira consiste em ler *grão*, no sentido de *grande*, tal como hoje ainda temos *grão-mestre*, *grã-cruz*, etc. Não nos parece ser essa a leitura correcta, mas antes a de *grau*, no sentido de *degrau*. Efectivamente a devoção é constituída por 15 Salmos, cada um deles seguido de oração. Ora os Salmos não foram escolhidos a esmo, mas constituem um grupo homogénio na Bíblia — Salmos 119 a 134 — chamados *graduais* ou de *subida* (a Jerusalém ou ao Templo). A razão de ser desta classificação está no título que os acompanha a todos e que a versão latina, conhecida por *Vulgata*, traduz do seguinte modo: *Canticum graduuum*. A palavra *grao* do códice não é mais que a versão portuguesa de *gradus*.

Tal interpretação não é meramente conjectural, porque a seguir há mais duas devoções, também acrescentadas, com a mesma estrutura eucológica — Salmos, mais orações, mais responsos — em latim, uma pelos defuntos e outra de sufrágio pelos mortos e consolação pelos vivos. Ora a primeira conserva o título em latim, precisamente

¹ Descrição e conteúdo deste códice, J. O. BRAGANÇA, *Devocionário de Santa Maria de Bouro — Lisboa, B. N. Cod. Alc. 58*, «Didaskalia» VIII (1978), 388-398.

igual ao do Saltério: *Canticum graduuum*; a segunda, em português: *Cantico grao* ².

A palavra *grao*, a conservá-la tal como está no códice, tornar-se-ia hoje ininteligível; substituí-la por *degrau* nada também adiantaria. Por isso decidimos actualizá-la e intitular a composição *Cântico gradual de Nossa Senhora* ³. *Gradual* é um termo técnico, consagrado pela tradição litúrgica, que qualquer pessoa de mediana cultura religiosa e musical conhece, e, para mais, de origem e significado semelhante. Aparece nos mais antigos *Antifonários* (séc. VIII-IX) ⁴ para designar o cântico que se segue à Epístola, na celebração da Missa, sob a designação de *Responso gradual* ou simplesmente *Gradual*. E chama-se gradual por ser cantado nos *degraus* do ambão, tal como os *Salmos graduais* eram cantados, segundo a tradição rabínica, ao subir os quinze degraus que no Templo de Jerusalém conduziam ao átrio dos Israelitas.

O *Cântico gradual de Nossa Senhora* parece-nos documento de primordial importância para a história do sentimento religioso no nosso país, nomeadamente neste sector tão característico da espiritualidade portuguesa que é a devoção à Virgem Maria ⁵. E lança ao mesmo tempo luz nova sobre a vida espiritual do conhecido mosteiro cisterciense do Norte, já cumulado de benesses por D. Afonso Henriques, o Mosteiro de Santa Maria de Bouro ⁶.

Mostra-nos, antes de mais, que ao lado das devoções em latim recebidas da tradição medieval — devoções que ocupam todo o

² O facto destes dois pequenos *ofícios* terem como título *Canticum graduuum* — *Cantico grao* deve-se por certo ao facto de também neles figurarem alguns Salmos graduais. Mas trata-se de composições sem qualquer originalidade, com resposos e orações tradicionais pelos defuntos, e tudo em latim. Não deixa por isso de ser estranho o título escolhido e tal coincidência explica-se muito provavelmente por influência do *Cantico grao de Nossa Senhora* que os precede no livro.

³ De registar que nem Francisco de Santa Rita VITERBO, no seu *Elucidario das palavras, termos e frases*; nem António de MORAIS Silva, no *Grande Dicionário da lingua portuguesa*, nem D. Raphael BLUTEAU, no *Vocabulario portuguez e latino*, registam a palavra *grao* no sentido de *gradual*.

⁴ R. I. HESBERT, *Antiphonale Missarum sextuplex*, Bruxelles 1935.

⁵ Que saibamos, até hoje, só o historiador jesuíta DOMINGOS MAURICIO Gomes dos Santos mostrou certo interesse por esta composição. No volume II de *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, Lisboa 1968, 461-463, transcreve, sem qualquer comentário, e não sabemos bem a que propósito, a primeira oração e a última. Mas a sua anotação passou despercebida dos eruditos, e de tal modo que o último fascículo do *Inventário dos Códices Alcobacenses*, VI (*Índices*), Lisboa 1978, não contém qualquer referência a este trabalho.

⁶ Para a história do Mosteiro de Santa Maria de Bouro, de que falta ainda uma monografia exaustiva e consistente, ver P. ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA, *Senhora da Abadia*, Barcelos 1951; e Dom Maur COCHERIL, *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Paris 1978, 37-49.

Códice 85 — circulavam também entre os monges, apesar de nos encontrarmos em pleno movimento renascentista, orações em português.

Por outro lado, as orações em latim só poderiam ser lidas e entendidas, como é óbvio, por pessoas cultas. Ora, os monges de Santa Maria de Bouro tinham a seu cargo, desde o séc. XII, o Santuário da *Senhora da Abadia*, um dos grandes centros de devoção à Virgem Maria no Norte do país. Poder-se-á assim inferir, sem receio de fantasia ou distorsão histórica, que o *Cântico gradual* era devoção praticada na Senhora da Abadia.

Poder-se-á mesmo perguntar se o *Cântico* não teria sido intencionalmente redigido como devoção específica do santuário, ou se, pelo menos, a ideia de *gradual* não teria surgido tendo em vista a situação geográfica da Senhora da Abadia. Esta, efectivamente, fica alcandorada no monte de S. Miguel, sobranceiro ao Cávado. Para lá chegar, desde o mosteiro, situado nas margens do rio, é preciso subir alguns quilómetros por estrada íngreme⁷. A ideia aliás da aproximação mística e simbólica da Virgem Maria de Jerusalém e do seu Templo tem fundas raízes na tradição cristã. Ela é a Virgem de *Sião*, o *Templo* de Deus, a *Arca da Aliança*.

Quem será o autor do *Cântico gradual* e, por conseguinte, o autor das orações redigidas em português que o integram?

O *título* do livro e o *cólofon* declaram que foi escrito por um Prior de Santa Maria de Bouro, mas não declinam seu nome. Esta humildade do Prior em não revelar o nome até se compreende, e em nada prejudica a curiosidade do historiador. Ele não é de facto o autor das orações nele contidas, mas apenas o organizador da colectânea. As composições são todas de origem medieval e, salvo o caso de uma ou outra variante, conhecidas dos liturgistas. O interesse histórico do livro está na colectânea como tal, pois fornece-nos indicação precisa sobre as devoções praticadas no mosteiro, reflectindo assim o ambiente espiritual nele vivido. E a esse propósito — embora fora do âmbito do trabalho — não deixaremos de fazer duas observações que nos parecem particularmente elucidativas.

Não deixa de ser surpreendente que entre dezenas e dezenas de orações não apareça uma única pelos defuntos, conhecida como é a

7. Architectura do Santuário sumariamente descrita por COCHERIL, *op. c.*, 49.

devoção da piedade medieval em rezar pelos mortos. Eis a razão porque no fim, como já referimos, foram acrescentados, em suplemento, dois pequenos *ofícios* por essa intenção.

Pelo contrário, um terço aproximadamente das orações do *Devocionário* dirigem-se à Virgem Maria, a começar pelo chamado *Ofício de Nossa Senhora*, que ocupa os 70 primeiros fólhos do livro. Apesar de tudo houve-se por bem incluir ainda o *Cântico gradual*. Tal facto mostra à evidência o lugar de relevo que tinha no mosteiro de Bouro a devoção à Virgem Maria, na continuidade aliás do rumo espiritual imprimido pelo fundador, S. Bernardo.

Poder-se-á perguntar, em tais condições, porque é que o *Cântico gradual* não foi inserido no corpo do *Devocionário* e tão somente acrescentado no fim, por mão diferente. A razão surge espontânea: porque não está escrito em latim. Parece-nos todavia que esta não será a razão principal, não será, pelo menos, razão única. Os textos medievais, recebidos da tradição, gozavam de particular veneração, diríamos até de certa sacralidade. Alguns foram atribuídos, — sem fundamento histórico, diga-se de passagem, — a grandes personagens da antiguidade, como S. Ambrósio e S. Agostinho. Colocar tão veneráveis composições ao lado de composições *modernas*, e para mais redigidas *in situ*, seria uma espécie de profanação.

Não deixa de ser verdade, porém, que o simples facto de se tratar de composição local mostra à evidência a intensidade do culto prestado a Nossa Senhora no Mosteiro de Bouro. Aqui, os monges não se contentam com devoções recebidas de antanho, porque a capacidade criadora é característica essencial da vida vivida em profundidade e autenticidade.

Que se trata de uma composição redigida em Bouro não resta qualquer dúvida. Efectivamente, por baixo das palavras *Laus Deo* com que termina o texto do *Cântico gradual de Nossa Senhora*, como *cólofon* especial desta parte do livro, lê-se o seguinte nome, escrito por mão diferente: *Frey Gaspar de Manteygas*. O ter sido escrito por mão diferente exclui a hipótese de ser a assinatura do copista. E outra explicação plausível não encontramos para o facto senão esta: homenagem de algum amigo ao autor do *Cântico*, para não ficar no anonimato e no esquecimento.

Nada sabemos da vida e outras possíveis obras de Frei Gaspar. Mas as dezasseis orações que compôs a Nossa Senhora são o reflexo da sua personalidade espiritual e da sua cultura.

Aqui sentimos a vibração religiosa dum místico que expõe com singeleza e profundidade os sentimentos que lhe vão na alma. Consciente de suas múltiplas fragilidades, expõe-nas à Mãe de Deus, em atitude de confiança total no seu poder de intercessão junto de Deus. E di-lo de maneira simples e directa, sem considerações sábias, abstractas e insípidas, que caracterizam no geral este tipo de literatura. O que não quer dizer que seja superficial. Pelo contrário, a análise teológica que a seguir esboçaremos, mostrar-nos-á um homem de profundo saber teológico. Mas ele sabe que uma oração não é uma exposição doutrinal, por mais bela que seja.

Ele sabe que a oração é a fala do coração humano a Alguém que o transcende e liberta. E sabe também combinar as qualidades próprias desta linguagem mística: profundidade e lirismo, ternura sem pieguice, vibração religiosa sem affectação hipócrita.

Análise teológica

Para além de forte sensibilidade religiosa, expressa em requintada forma literária, o *Cântico gradual de Nossa Senhora* reflecte sobretudo uma teologia perfeitamente elaborada relativa ao lugar que a Virgem Maria ocupa no mistério do cristianismo, de modo especial no que diz respeito ao problema actual e candente da sua *mediação* entre Deus e os homens. O equilíbrio doutrinal desta composição faz lembrar a célebre oração de S. Ildefonso de Toledo († 667), a concluir o primeiro tratado sistemático do Ocidente sobre a Virgem Maria⁸. Por tal motivo bem pode apresentar-se como modelo para os nossos dias, quando no catolicismo se procura reformar e reabilitar o culto tradicional prestado à Mãe de Deus.

Começemos pela estrutura *eucológica* do *Cântico gradual*. Compõe-se ele de uma série de 15 Salmos e 15 orações, sendo cada Salmo acompanhado de uma oração. Seguem-se depois alguns *responsos* e *versículos* a que o autor chama, em palavra bem portuguesa, *rogos*. E termina com uma oração conclusiva, a 16ª, síntese perfeita e concisa, do ponto de vista teológico, de tudo quanto fora dito nas quinze precedentes.

⁸ Edição acessível do *De virginitate perpetua Sanctae Mariae* na conhecida colecção espanhola BAC, Vol. 320, 43-154. A célebre oração a Nossa Senhora constitui o último capítulo do tratado (Cap. XII) e ocupa nesta edição as páginas 147-154.

O número de *quinze* Salmos e orações foi evidentemente condicionado pelo número dos *Salmos graduais*, mas não deixa de sugerir também a tradicional devoção do *Rosário*, constituída pela contemplação dos quinze *mistérios* da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Importa salientar todavia que nenhum texto contém qualquer alusão, directa ou implícita, a esta devoção.

A estrutura eucológica — Salmo mais oração — lembra a antiga tradição das *Colectas sálmicas*, ou seja, o canto de um Salmo seguido de oração, que o interpreta e comenta em sentido cristão ⁹. Aqui porém há uma diferença substancial, dado que a oração não tem qualquer conexão directa ou imediata com o Salmo que a precede. Nem por isso deixa de ser, na sua estrutura global, um modelo perfeito de eucologia cristã: louvor e súplica; poesia bíblica e deprecação humana; Palavra de Deus e interpelação do homem.

Na análise teológica que vamos esboçar, tomaremos em separado dois pontos essenciais de toda e qualquer composição eucológica de carácter cristão. Primeiro, a base religiosa que justifica e fundamenta a súplica. Segundo, o objecto mesmo da súplica. Em ambos os casos seguiremos, não qualquer esquema doutrinal preconcebido, que falsearia necessariamente a transparência das conclusões, mas o próprio ritmo do pensamento do autor na intensidade da sua vibração mística.

Nos textos a citar actualizaremos a grafia do original, a fim de os tornar mais acessíveis e transparentes.

Porque invocamos a Virgem Maria

Que motivos justificam, à luz dos valores do cristianismo, a oração à Virgem Maria? Que base temos nós para implorar com confiança a sua intercessão junto de Deus?

O fundamento primeiro, — primeiro pela frequência e insistência com que é evocado, — encontra-se na *maternidade divina* da Virgem Maria. A Sua qualidade de Mãe de Deus aflora a cada

⁹ Sobre estas colectas ver o importante trabalho de Jorge PINELL, *Liber Orationum Psalmographus. Colectas de Salmos del Antiguo Rito Hispánico*, Barcelona-Madrid 1973.

momento dos mais diversos modos ¹⁰: — Rogo-te, Senhora, por Aquele que tu geraste (2,1) — Ó Madre santíssima do Unigénito Senhor (7,1) — Santa Maria, Virgem perpétua, Madre do Filho de Deus por o concebimento (9,1) — Ó Santa Maria, Madre de Deus sem mácula (6,1).

A formulação literária reveste-se quase sempre de tocante religiosidade: — Roga, Senhora, por mim, por o amor do teu bento Filho (8,5) — Eu te peço humildemente queiras rogar por mim ante a presença dAquele que tu geraste sem algum desejo carnal (12, 3) — Ó Madre Virgem Maria, tem, Senhora, por bem que Jesus Cristo teu Filho haja de mim misericórdia (7, 5).

A obra redentora de Jesus Cristo é igualmente apontada e tida como base da nossa súplica e motivo de confiança no poder de intercessão de Nossa Senhora: — E pois tu geraste Aquele que por salvação de todo mundo derramou o seu precioso sangue na árvore da vera Cruz, abre, Senhora, os olhos cegos de meu coração (1, 6) — Por aquele sacratíssimo sangue que na Cruz quis derramar por nossa salvação... eu te peço, Senhora (9, 4).

Outro motivo de confiança na oração à Virgem Maria concentra-se na *dignidade* que lhe advém por ser Mãe de Jesus Cristo e por isso Mãe de Deus: — Socorre a mim, Virgem Santa Maria... e roga ao meu Senhor Jesus Cristo... por a sua grande misericórdia e por a tua dignidade e merecimento (14, 1). — De notar nesta oração a ordem das motivações: primeiro, a grande misericórdia de Jesus Cristo; depois, a dignidade e merecimento de sua Mãe.

A mesma ordem de motivações está explícita na oração 11: — Eu te peço que rogues ao teu amado Filho me perdoe meus pecados... faz Senhora, por sua benignidade e seus merecimentos, que me seja concedida... (11, 1 e 2).

A *grandeza* de Maria é salientada noutra passagem com particular intensidade: — Roga, Senhora,... por a glória e prazer que o anjo Gabriel te denunciou que Jesus Cristo havia de ser concebido em teu santíssimo ventre (8, 6).

Se Maria é Mãe de Jesus Cristo, daí decorre que Ele, como Filho, lhe não pode recusar nada. Tal asserção, tal motivo de confiança, vem explícito em frase lapidar: — Eu te peço que rogues ao teu amado Filho... o qual te não sabe negar alguma cousa (11, 1).

¹⁰ Entre parêntesis a localização das diversas passagens, na edição que a seguir apresentamos do *Cântico gradual de Nossa Senhora*. O primeiro número indica a oração; o segundo, a linha.

Mais ainda. Num aprofundamento surpreendente de teologia marial o autor afirma que Jesus Cristo a fez *participante* do seu mistério redentor. Ela participa da sua misericórdia para com os homens: — Eu te peço, Senhora, por a sua misericórdia, da qual Ele te fez participante (9, 7).

E prosseguindo na sua elaboração teológica declara que Ela não é só Mãe de Deus, mas também *Senhora do universo*. A sua maternidade divina fê-la Mãe de todos os mortais: — Santa Maria, Madre do Filho de Deus, por o concebimento do qual és feita Senhora de todo o mundo (9, 1).

Daí a confiança que devemos pôr na sua *clemência*, motivo frequentes vezes repetido e sempre com expressões cheias de ternura: — Ó Senhora piedosa, ó Senhora mui clemente (4, 1) — Eu confio em tua santa misericórdia e ajuda (1, 9) — Rogo-te, Senhora cheia de toda piedade (16, 1) — Rogo-te, Senhora, que me queiras ajudar, porque não tenho outra consolação senão tu (1, 1).

Nesta perspectiva deverá ser enquadrada a expressão íntima e quente, aliás única, da 5.^a oração: — Ó minha Senhora, não me deixes nem desampares (5, 1).

A articulação teológica do lugar que a Virgem Maria ocupa na *economia* da Redenção e, por conseguinte, na vida de piedade dos cristãos, surge perfeitamente equacionada em frase concisa e lapidar da prece 11: *rogando tu e Cristo perdoando* (11, 4)... E ainda no começo da 16.^a: — Rogo-te, Senhora... que rogues por mim diante daquele Redentor que tu geraste (16, 1).

O que pedimos à Virgem Maria

Qual o objectivo destas preces? O que é que nelas se pede à *Madre de Cristo*? Interesses imediatos, temporais? Ou bens espirituais e eternos? A resposta a esta pergunta poder-se-á considerar como que o termómetro do nível espiritual e ascético do autor.

Cerca de metade das súplicas andam à volta da humana condição de pecado. E a maneira como o fazem evidenciam duas coisas. Constituem, por um lado, reconhecimento e aceitação dos *olhos cegos* (1, 8) do coração, que o contaminam de *sujos pecados* (11, 5); reflectem, por outro, confiança total na *santíssima intercessão* da Virgem Maria (14, 1), para deles obter perdão, emenda e purificação.

O pedido mais insistente implora, sem quaisquer rodeios, *perdão e emenda* dos pecados. De notar, desde já, o perfeito equilíbrio doutrinal na formulação de tal pedido. Não é à Virgem Maria que semelhante coisa se pede. A Ela apenas se pede que *rogue*. Quem perdoa é Jesus Cristo, seu Filho: — Roga ao teu bento Filho que haja por bem de me perdoar meus pecados (6, 2) — Eu te rogo que me queiras ajudar com teus rogos, que minhas maldades de agora para sempre sejam destruídas (8, 3) — Eu te peço que rogues ao teu amado Filho que me perdoe meus pecados (11, 1) — Que eu mereça por ti alcançar perdão de todos meus pecados (13, 3) — Madre de um só Filho eterno Padre, impetra clemência do criador que a universidade de todas minhas culpas seja destruída (7, 7) — Roga ao meu Senhor Jesus Cristo que se amerceie de mim pecador (14, 2).

Outras vezes já não é directamente o perdão dos pecados que se implora, mas a *penitência* que aí conduz: — Tu, Senhora, sempre me ajuda... para que, por ti, mereça chegar a verdadeira penitência (3, 3) — Ajudado por teus rogos possa haver o fruto da verdadeira penitência (4, 4) — Rogo-te, Senhora, por Aquele que tu geraste, que não consintas minha carne de novo ser maculada com sujos pecados (2, 1).

Em perspectiva já mais positiva e optimista implora-se também a *defesa* contra os inimigos espirituais, para não voltar mais a pecar: — Rogo-te, Senhora cheia de piedade, que rogues por mim... para que mereça por ti... haver defensão dos inimigos invisíveis (16, 1, 4 e 5) — Guarda-me, Senhora de todas as artes e *espiritamentos* do inimigo e de todos os enganamentos dos meus *contrairos* e do maligno espírito (13, 1).

O sentido da espiritualidade cristã não consiste só, nem principalmente, em olhar para nós, para as *sujas e desonestas cuidações* da alma (5, 7), mas em *aprazer* a Jesus Cristo, Rei imortal (5, 4), para se poder ver a glória de Deus. Purificamo-nos para chegar ao *louvor de Deus* e depois desta presente vida possuir a eterna bem-aventurança (11, 6). É isto pelo menos que constantemente implora o monge de Santa Maria de Bouro: — Ó Senhora piedosa, ó Senhora mui clemente, dá-me verdadeira emenda de todos meus pecados, para que possa ver a glória de Deus, a qual os pecadores não podem alcançar (4, 1) — Alumia minha alma, Santíssima Virgem, para que conheça o caminho da salvação, pelo qual possa ir a Deus (1, 2) — Ajudado por tua misericórdia, mereça alcançar a *folgança* para sempre (5, 8).

É neste horizonte espiritual que importa situar alguns pedidos de carácter mais genérico, em que as *necessidades* impetradas não

podem ser senão de ordem sobrenatural: — Ó não corrompida Virgem... eu te rogo que me queiras ouvir e ser minha ajudadora em todas minhas necessidades e angústias (12, 1) — Ó Virgem sem mácula... eu te rogo que ouças minha oração e queiras... amercear-te de mim em todas minhas necessidades (15, 1).

Salientemos ainda uma faceta humana — e quão tocante! — em toda esta movimentação espiritual: a súplica pelos *amigos*, com que termina a oração 9: — Ó exalçada sobre os coros dos Anjos, eu te peço, Senhora... queiras rogar ao teu bento Filho continuamente que nesta presente vida e na outra queira favorecer-me e ajudar, e a todos os meus amigos, os quais Ele bem conhece, que é bendito para todo sempre. Amen (9, 6 e 8).

Falta ainda, para terminar, chamar a atenção para a estrutura eucológica da prece 10, que não inclui qualquer pedido, mas celebra apenas o louvor e grandeza da Virgem nossa Senhora que deu à luz o *eterno Rei*.

Títulos mariológicos

Para completar a panorâmica do mundo espiritual em que se move o autor do *Cântico gradual* pareceu-nos indispensável catalogar os epítetos de carácter litânico com que se dirige a Nossa Senhora. Limitar-nos-emos aos epítetos de invocação ou saudação litânica, deixando de lado aqueles que possam traduzir explanação teológica ou mística. E mesmo assim referiremos só os principais.

AJUDADORA

Ajudadora minha 3, 2

ARCA

Arca celestial 8, 2

CRIATURA

Criatura do eterno Pai 8, 1

ESTRELA

Estrela mui clara 10, 1

EXALÇADA

Ó exalçada sobre os coros dos Anjos 9, 6

MADRE

Madre de Deus 2, 3; 10, 1; 12, 1; 13, 1; 15, 1
 Madre de Deus sem mácula 6, 1
 Madre do Filho de Deus por o concebimento 9, 1
 Madre de Jesus Cristo 7, 3
 Madre Santíssima do Unigénito Senhor 7, 1
 Ó Madre 8, 1
 Ó Madre não corrompida 6, 3
 Ó Madre de um só Filho do Eterno Pai 7, 7
 Ó Madre Virgem Maria 7, 5

MARIA

Santa Maria 1,1; 9, 1; 12, 1; 15, 1
 Ó Santa Maria 6, 1
 Virgem Santa Maria 14, 1

MORADA

Morada do Espírito Santo 8, 2

RAINHA

Rainha dos Anjos 8, 3

SALVAÇÃO

Salvação do mundo 10, 2

SENHORA

Senhora 1, 1; 1, 8; 2, 1; 2, 3; 3, 1; 3, 3; 5, 6; 6, 1; 6, 3; 7, 2; 7, 4;
 7, 5; 8, 5; 9, 7; 11, 3; 13, 1; 16, 7.
 Senhora cheia de toda piedade 16, 1
 Senhora piedosa 4, 1
 Senhora santa e bem-aventurada 10, 2
 Ó minha Senhora 5, 1
 Ó Senhora mui clemente 4, 1

TESOURO

Tesouro bem-aventurado 8, 3

VIRGEM

- Virgem perpétua 9, 1
- Virgem Santa Maria 14, 1
- Santíssima Virgem 1, 3
- Sempre Virgem Maria 10, 1
- Ó Virgem sem mácula 15, 1
- Ó não corrompida Virgem 12, 1

A simples leitura deste quadro permite deduzir algumas conclusões de alcance teológico e espiritual.

Surpreendentemente, para a mentalidade hodierna, o título mais frequente é o de *Senhora*, ou só (17 vezes), ou com epítetos qualificativos, como *Senhora santa*, *Senhora clemente*, etc.

Vem a seguir o de *Madre*, sempre com qualificativo: *Madre de Deus*, *Madre de Jesus Cristo*, etc. Por mais paradoxal que possa parecer não aparece nunca o título de «Madre dos homens» ou «Madre nossa». Apenas uma vez *Ó Madre*, sem qualquer atributo, o que em abstracto se poderia interpretar no sentido de mãe nossa; mas o contexto teológico global não permite semelhante inflexão. A única expressão de certa familiaridade espiritual encontra-se na palavra *Senhora* quando, por uma única vez, é aclamada *Ó minha Senhora*; e noutra passagem, mas em perspectiva diferente, quando invocada como *Ajudadora minha*.

O nome de *Maria*, nas poucas vezes que aparece, vem sempre qualificado de *santa*, o que não deixará também de interpelar a nossa sensibilidade. Cânticos e preces da piedade moderna habituaram-nos ao tutear frequente de *Maria*, e a olhar para Ela mais como nossa Mãe, que como Mãe de Deus. Tal *distanciamento* espiritual, semelhante sensibilidade religiosa tão diferente da nossa, tem por certo uma razão de ser, e deve procurar-se no ambiente cultural e místico dos monges de Bouro. Estes, com efeito, «não parecem sofrer qualquer influência da mística renana ou flamenga do século XIV, nem sequer das obras menos originais mas mais divulgadas, de tendência afectiva ou intelectual, de autores franciscanos ou dominicanos, ou influenciados por eles. Esta característica, de resto, continua a ser bastante geral em Portugal até ao fim do século XVI, mesmo em meios afectos aos mendicantes»¹¹.

¹¹ JOSÉ MATTOSO, *Leituras Cistercienses do século XV*, in «Do Tempo e da História», V, Lisboa 1972, p. 123.

Importa observar finalmente que, embora raros, também aparecem algum epítetos tradicionais, mas adjectivados de maneira diferente daquela a que estamos habituados. Assim: *Estrela*, não da manhã, mas *mui clara*; *Arca*, não da Aliança, mas *celestial*.

A única nota à primeira vista destoante nesta ladainha de epítetos, e que parece pôr em causa a própria competência doutrinal do autor, lê-se no princípio da oração 8: *Ó madre, esposa e irmã de Cristo!* Como entender que se possa chamar a Nossa Senhora *esposa* e *irmã* de Cristo, sendo sua Mãe? Tais afirmações são o resultado de reflexão teológica e mística. Ela é *esposa* de Cristo, em sentido espiritual, porque *virgem*. A virgem cristã, na espiritualidade tradicional do Ocidente, está desposada com Cristo, em místico casamento. Eis porque o rito litúrgico tradicional da consagração das virgens consiste na imposição do véu, véu que caracterizava a mulher casada na civilização romana. Ela é *irmã* de Cristo, porque Cristo, Verbo de Deus feito homem, se fez nosso irmão. E sendo Ela *criatura do Eterno Pai* é também nessa perspectiva irmã de Cristo, porque Cristo assumiu a natureza humana.

Não foi de resto o monge de Bouro que descobriu tais epítetos. A proclamação de Maria *sponsa Christi* aparece já em várias composições líricas da Idade Média¹², e seria apaixonante saber qual delas, e por que vias, teria influenciado o nosso autor. O mesmo se diga do título de *irmã de Cristo*. Este aparece já numa composição rítmica do séc. X, redigida em Moissac, em que Nossa Senhora é aclamada *Mater, soror et domina|Perfecta Christi gerula*¹³.

Transcrição

Na leitura paleográfica do texto, que a seguir publicamos na íntegra, seguimos as seguintes normas.

Desenvolvemos todas as abreviaturas, excepto o *til abreviativo* com função de nasalização na palavra *algũa* e semelhantes, por não sabermos qual a pronúncia exacta na altura, mas muito mais provável *algũa* do que *alguma*, tal como hoje ainda acontece no Norte do país em camadas populares.

¹² G. G. MEERSSEMAN, *Der Hymnos Akathistos in Abendland*, Universitätsverlag Freiburg Schweiz 1960, II, 134, 172, 209, 214, 216, 219, 234, 251.

¹³ *Ibidem*, I, 154.

Completámos também as palavras que o escriba apenas indica com algumas letras, por serem suficientemente conhecidas. Tal é o caso de *Maria*, que por vezes escreve com simples *M* e *a* por cima da linha. O mesmo acontece na indicação dos Salmos, em que certas palavras latinas são escritas só com algumas sílabas, subentendendo-se o resto.

Respeitámos sempre a grafia do original, mas corrigimo-lo quando se trata de erro evidente do copista. Por exemplo, quando escreve *nosa* em vez de *nossa* Senhora, logo no título; *angos* em vez de *anjos*; *sugos* por *sujos*; *peco* em vez de *peço*. Conservámos todavia ç cedilhado antes de *e* ou de *i* sempre que aparece no original, como em *çelestial*, *conçebimento*, *reçebo*, *denunçiou*, etc.

Importa salientar que o escriba não é uniforme na grafia de muitos vocábulos. Assim, por exemplo, escreve *dele* e *delle*; *pecado* e *peccado*; *ofendido* e *offendido*; *rogo*, *rogua* e *roges*; *minha* e *mynha*; *piedade* e *piadade*; *indigno* e *indino*, etc.

O mesmo acontece na abreviação de certas palavras. Assim, tanto escreve *não* com *a* e til abreviativo (*nã* = *nam*), como por extenso com *õ* nasalizado (*naõ*). Em tais casos seguimos escrupulosamente o original.

Actualizámos todavia o uso de *u/v* e *i/j*, bem como a pontuação. Separámos também o pronome pessoal do verbo, para tornar a leitura mais acessível, omitindo contudo o hífen de uso actual; por exemplo: *Rogo te*.

Acentuámos o *ó* de interjeição ou aclamação, para o distinguir do artigo. E actualizámos ainda a grafia dos nomes próprios e divinos, escrevendo-os com maiúscula.

Finalmente, gostaríamos de chamar a atenção dos eruditos para certos termos do vocabulário teológico, próprios da época, ou pelo menos do nosso autor. Assim, por exemplo, ele distingue, cremos que intencionalmente, o «caminho da *saude* pessoal» do da «*salvação* de todo o mundo» (cf. orações 1 e 5).

JOAQUIM O. BRAGANÇA

CANTICO GRAO DE NOSSA SENHORA

/Fol. 141v/

Ps. Ad Dominum cum <tribularer>. 1

ORAÇÃO

Rogo te, Senhora, Santa Maria, que me queiras ajudar, porque nam tenho outra consolação senão tu; e alumia minha alma,
3 Santissima Virgem, pera que conheça o caminho da saude pelo qual possa ir a Deus e alcançar d'Elle misericordia em favor neste mundo e no outro, ao qual por meus feos peccados tenho offendido
6 em toda minha vida; e pois tu geraste Aquele que por salvaçam de todo mundo derramou o seu precioso sangue na arvore da vera Crus, abre, Senhora, os olhos çeguos de meu coração, e converte
9 meus desejos maos em bem, porque eu confio em¹ tua santa misericordia e ajuda. Amen.

Ps. Levavi¹ oculos. 2

ORAÇÃO

Rogo te, Senhora, por Aquele que tu geraste, que não consintas minha carne de novo ser magoada com sujos² pecados, o qual tu,
3 Madre de Deus, podes alcançar. Tu, Senhora, ave de mim piedade; tu me guarda de todo mal presente e por vir; tu me defende em a boca, em o coração, em o corpo, em a alma; dormindo e vigiando,
6 ajuda me e governa me e guarda me em todos os dias e noites de minha vida. Amen.

Ps. Laetatus sum. 3

ORAÇÃO

A ti, Senhora, mereça ter favoravel em todas minhas tribulações¹, angustias e necessidades, e mereça, ajudadora minha, aver tua visaõ
3 corporal e presençial. Tu, Senhora, sempre me ajuda, e meus²

1 - Ps. 119.

¹ e cod.

2 - Ps. 120.

¹ Levavi] Ad Levavi cod.; Ad riscado ² sugos cod.

3 - Ps. 121.

¹ tribulações cod. Cf. oração 5,7: cuidaçoes ² mes cod.

indinos rogos nam desprezes, pera que, per ti, mereça chegar a verdadeira penitência. Amen.

- 4 /Fol. 142/ Ps. Ad te levavi.

ORAÇÃO

Ó Senhora piadosa, ó Senhora mui clemente, da me verdadeira emmenda de todos meus pecados, pera que possa ver a gloria de Deus, a qual os peccadores nam podem alcançar, pera que, por ti, possa louvar o meu Senhor Deus, e ajudado por teus rogos possa aver o fruto da verdadeira penitência. Amen. 3

- 5 Ps. Nisi quia Dominus.

ORAÇÃO

Ó minha Senhora, não me deixes nem desempares, mas guarda me onde quer que andar, e em qualquer cousa que fizer te mereça sempre ter presente; e encaminha me per a carreira da eterna saude, pera que a ti e a teu bento Filho possa aprazer, que he rei immortal, e possa chegar Aquele que fas salvos os peccadores que a Elle se convertem. Tu, Senhora, lança de mim todas as çujas e deshonestas cuidaçones de minha alma, por que depois nam encorra nas penas eternas como peccador, mas ajudado per tua misericordia mereça alcançar a folgança pera sempre. Amen. 3 6 9

- 6 Ps. Qui confidunt.

ORAÇÃO

Ó Santa Maria, Madre de Deus sem magoa, ajuda me, Senhora, e roga ao teu bento Filho que aja por bem de me perdoar meus pecados. Ó Madre não corrompida, da me, Senhora, tua ajuda, e ora por a multidaõ dos çujos peccados de minha fraqueza. Amen. 3

- 7 Ps. In convertendo.

ORAÇÃO

Ó Madre santissima do Unigenito Senhor, faze me ser limpo de todas as çu /fol. 142v./gidades corporaes e mentaes. Senhora, Madre de Jesu Christo, salvador e criador de todas as cousas, 3

4 - Ps. 122.

5 - Ps. 123.

6 - Ps. 124.

7 - Ps. 125.

salva, Senhora, meu corpo e minha alma, pera que nam careça de sua misericordia. Ó Madre Virgem Maria, tem, Senhora, por bem que Jesu Christo teu Filho aja de mim misericordia, seu indigno servo N. Ó Madre de hum so Filho do eterno Padre, impetra clemência do criador que a universidade de todas minhas culpas seja destroida, as quais inteiramente comecei a ter do ventre de minha mai, des meu concebimento por algũa maneira. Amen.

Ps. Nisi Dominus.

8

ORAÇÃO

Ó madre, esposa e irmam de Christo, creatura do eterno Padre, morada do Esprito Santo, arca celestial que nam pode estimar, thesouro benaventurado, rainha dos anjos, eu te rogo que me queiras ajudar com teus rogos, que minhas maldades dagora pera sempre sejam destruidas. Rogua, Senhora, por mim, por o amor do teu bento Filho, e por a gloria e prazer que o anjo Gabriel te denunciou que Jesu Christo avia de ser concebido em teu santissimo ventre, o qual vive e reina pera todo sempre. Amen.

Ps. Beati omnes.

9

ORAÇÃO

Santa Maria, Virgem perpetua, Madre do Filho de Deus, por o concebimento do qual es feita Senhora de todo o mundo, e que geraste a vida e mantimento dos anjos¹ e de todos os que se am de salvar: por aquele sacratissimo sangue que na Crus quis derramar por nossa salvaçam, o qual recebeo de teu santo corpo pera que tenhamos maior confiança, ó exalçada sobre os choros dos anjos, eu te peço, /fol. 143/ Senhora, por a sua misericordia, da qual Elle te fez participante, que tu, com todos os santos, queiras rogar ao teu bento Filho continuamente que nesta presente vida e na outra queira favorecer me e ajudar, e a todos os meus amigos, os quaes Elle bem conhece, que he bendito pera todo sempre. Amen.

8 - Ps. 126.

¹ angos *cod.*

9 - Ps. 127.

¹ angos *cod.*

- 10 *Ps. Soepe expugnaverunt.*

ORAÇÃO

Deus te salve, sempre Virgem Maria, Madre de Deus, strella mui clara aos christaõs, fermosura e salvaçaõ do mundo, Senhora santa e benaventurada, que mereçeste parir o eterno Rei, bento pera sempre. Amen. 3

- 11 *Ps. De profundis.*

ORAÇÃO

Por o qual te peço que roges ao teu amado Filho que me perdoe meus peccados, O qual te nam sabe negar algũa cousa; faze, Senhora, por sua benignidade e seus merecimentos, que me seja concedida nesta vida a misericordia çelestial, pera <que>, rogando tu e Christo perdoando, possa emmendar meus grandes e çujos peccados, e chegar ao louvor de Deus, e depois desta presente vida possa com prazer possuir a eterna benaventurança, a qual nos queira conceder a gloriosa Trindade, aa qual seja honra, imperio e poderio pera sempre. Amen. 3 6 9

- 12 *Ps. Domine non est exaltatum.*

ORAÇÃO

Ó nam corrompida Virgem, Madre de Deus, Santa Maria, eu te rogo que me queiras ouvir e ser minha ajudadora em todas minhas necessidades e angustias e te peço¹ humildemente queiras rogar por mim ante a presença dAquele que tu geraste sem algum desejo carnal. Amen. 3

- 13 *[Fol. 143v] Ps. Memento Domine.*

ORAÇÃO

Guarda me, Senhora, Madre de Deus, de todas as artes e esprita-mentos do imigo e de todos os enganõs dos meus contrairos e do maligno esprito; e outorga me que eu mereça per ti alcançar perdã de todos meus peccados e ajuda contra todo o mal presente e por vir, e guarda de minha vida e emmenda de todas mynhas maldades. Amen. 3 6

10 - Ps. 128.

11 - Ps. 129.

12 - Ps. 130.

¹ peço *cod.*

13 - Ps. 131.

Ps. Ecce quam bonum.

14

ORAÇÃO

Socorre a mim, Virgem Santa Maria, per a tua santissima interseção, e roga ao meu Senhor Jesu Christo que se amercee de mim
3 peccador por a sua grande misericordia e por a tua dignidade e merecimento. Amen.

Ps. Ecce nunc benedicite.

15

ORAÇÃO

Ó Virgem sem magoa, Madre de Deus, Santa Maria, eu te rogo que ouças minha oração e queiras ser minha ajudadora e amercear
3 te de mim em todas minhas necessidades. Amen.

ROGOS

16

Kyrieleyson.

Christeleyson.

Kyrieleyson.

Pater noster.

Et ne nos.

Ver. Salvum fac servum tuum.

Deus meus sperantem in te.

Esto mihi Domine turris fortitudinis.

A facie inimici.

ORAÇÃO

Rogo te, Senhora chea de toda piedade, que roges por mim
diante daquele Redentor que tu geraste sem ajuntamento de varaõ;
3 e livra me de todos enganõs do imigo e de toda deleitação
carnal pera /fol. 144/ que mereça per ti aver perdaõ de todos meus
peccados, e aver defençam dos imigos invisives, e guarda de
6 minha vida e emmenda, e no dia de meu acabamento possa aver
consolação. Livra me, Senhora, das penas eternaes; e o eterno
prazer, que eu em nhũa maneira posso per meus merecimen-
9 tos alcançar, per teus rogos e ajuda o possa cobrar. Amen.

Résumé

Le *Cod. Alc.* 85 de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne est un document transcrit en 1558 dans l'abbaye Cistercienne de Santa Maria de Bouro, au Nord du Portugal. Il recueille une imposante collection de prières de dévotion médiévales (voir description détaillée dans «Didaskalia», VIII (1988), 388-398), dont environ le tiers adressées à la Sainte Vierge.

Une main différente ajouta à la fin du volume une dévotion locale, intitulée *Cantique graduel à la Vierge Marie*. Il s'agit en effet de la prière des 15 Psaumes graduels du Psautier latin, chaque Psaume étant suivi d'une oraison en portugais. Le tout se termine par quelques répons et une oraison de conclusion.

L'ensemble de ces oraisons constitue, de par la facture littéraire, la vibration mystique et le parfait équilibre doctrinal, un remarquable témoin de la spiritualité portugaise.

Une analyse euchologique et théologique de la composition précède l'édition intégrale du texte (fol. 141 v.-144).